



Carrilho: "Gosto de distinguir os ideais das ilusões"

Carrilho apresentou balanço "Gosto muito de si, senhor ministro"

O MINISTRO da Cultura, Manuel Maria Carrilho, convidou ontem cerca de 200 personalidades, incluindo autarcas do PSD — como os de Leiria e Viseu, que aceitaram o convite —, para fazer o balanço da actividade do Ministério da Cultura (MC), entre 1995-99, o qual foi resumido numa brochura com as áreas em que mais apostou: livro e leitura, património, criação, descentralização e internacionalização da cultura.

Carrilho bem repetiu, ao longo da sua intervenção inicial, para que, além de sugestões, se fizessem críticas sobre a sua actuação e a sua política — até porque, citando um filósofo Kierkegaard, que, confessou, aprecia bastante, "gosto de distinguir os ideais das ilusões". E acrescentou: "Façam críticas, dêem sugestões, porque, se já foi bastante, há ainda muito por fazer. Temos de assumir que ainda há parâmetros mínimos europeus que estamos longe de atingir. Como Malraux dizia, 'a cultura é aquilo que se conquista'."

Em troca, Carrilho recebeu elogios atrás de elogios. Alguns andaram próximo do patético. Albano da Silva Pereira, director do Encontros de Fotografia Coimbra, depois de afirmar que nunca tinha sido tratado como no consulado de Carrilho, não teve com meias-tintas: "Gosto muito de si, senhor ministro." Na sala ouviu-se: "É assim mesmo."

O encenador João Lourenço afinou pelo mesmo diapasão: "Não me vou despedir de si, porque não acredito em boatos. Pelo que já fez, ficará sempre." Francisco Capelo, o dono da colecção do Museu do Design e a preparar o museu da moda, chegou ao ponto de dizer: "Não se trata de dar manteiga em público. Mas foi fantástico encontrar uma pessoa como o Manuel Maria Carrilho."

Os autarcas que entrevistaram — em torno do que se fez pelo património e pela Rede de Leitura Pública — acabaram quase sempre da mesma maneira... "Senhor ministro, bem haja." Directores-gerais, ex ou actuais presidentes das instituições criadas por Carrilho — como o historiador José Mattoso, o arqueólogo João Zilhão, presidente do Instituto Português de Arqueologia, o director do Teatro Nacional de S. João, Ricardo

Pais — fizeram intervenções no mesmo sentido. A lógica subjacente (apesar das sugestões que iam sendo feitas, como a criação de um circuito de descentralização do teatro) era sempre a mesma: pela primeira vez tivemos uma corajosa política cultural. Críticas nem uma, alguns recados sim, como o do presidente da Câmara Municipal de Santarém e da Associação de Municípios de Centro Histórico, José Miguel Noras: "Se queremos manter as vilas históricas vivas e não apenas fósseis, temos de dar-lhe futuro e, para isso, temos que ponderar uma eventual alteração do regime de inquilinato urbano."

O único momento que provocou algum sururu foi quando o produtor e distribuidor de filmes Paulo Branco afirmou que, com as eleições à porta, "gostaria de ver bases mais sólidas no cinema para não viver angustiado." "Temos a incompetência de uma televisão do Estado e arrogância das televisões privadas", dando como exemplo o que se passou com o Sofá Vermelho que começou por ser exibido a seguir ao Jornal da SIC e agora "pode ir para o ar às três da manhã".

Manuel Fonseca, director-adjunto de programas da SIC, respondeu à letra: a estação de Pinto Balsemão não só pôs em primeiro lugar no consumo televisivo uma série portuguesa — "Médico de Família" — como com os acordos com o Instituto do Cinema, do Audiovisual e do Multimédia conseguiu apoiar filmes como "Jaime", de António Pedro de Vasconcelos, que ultrapassaram a barreira dos 200 mil espectadores. Mais: nos telefilmes que foram acordados, o primeiro, "Amo-te Teresa", já está pronto e os próximos vão entrar em rodagem muito proximamente.

Confrontado pelo PÚBLICO com a inexistência de qualquer voz discordante durante o debate, Carrilho foi muito claro: "Só tenho um voto a fazer, que apareçam essas críticas mas com sustentação: nas áreas do livro e da leitura, do audiovisual, ou do património. Não posso, infelizmente, retribuir elogios às oposições parlamentares — não apresentaram quatro, cinco, nem uma ou duas medidas no sector da cultura —, apresentaram zero medidas." ■

Carlos Câmara Leme